

O FIGUEIROENSE

SEMANARIO IMPARCIAL, POLITICO, NOTICIOSO, LITTERARIO E RECREATIVO

PROPRIETARIO E DIRECTOR—ANTONIO DE VASCONCELLOS

ASSIGNATURAS

Um anno	1\$200 réis
Seis mezes	600
Para o Brazil, por anno	2\$000
Para a Africa, por anno	1\$200
Numero avulso	30

Annuncia-se as horas das quaes se recebe 1 exemplar:

PUBLICA-SE AOS SABBADOS

Composição e impressão na typographia de
Antonio de Vasconcellos
Administração—RUA DA AGUA
FIGUEIRO DOS VINHOS

PUBLICAÇÕES

Annuncios—cada linha	40 réis
Repetições	20
Imposto do sello	10

Originæes sejam ou não publicados não se restituem.
Annuncios permanentes e communicados preço convencionado.

BOAS-FESTAS

A redacção de "O Figueiroense", dá Boas-Festas a todos os seus illustres Collegas, Collaboradores, assignantes e amigos.

RESPONSABILIDADES ALIJADAS

Infelizmente continuam sendo graves as circumstancias em que se debate o paiz. As occorrencias sangrentas de que a capital foi scenario nos dias 5 e 6 de abril, vieram mais uma vez demonstrar a grande necessidade que ha de fazer manter a ordem, respeitar o principio de auctoridade, obrigando os desordeiros a não perturbar a tranquillidade publica.

Pedem os commerciantes da capital, em vista da grande palyação que vai nos negocios, que o governo restabeleça o socego e a ordem, afim de que Lisboa não perca a sua antiga reputação de cidade pacifica e ordeira.

Téem razão os negociantes lisbonenses e com elles está o paiz que pensa mais no trabalho que em ambições politicas. As convulsões e as desordens só servem para que a capital se veja deserta do estrangeiro e não seja procurada pelos habitantes das provincias.

Tudo, portanto, se impõe para que se restabeleça por completo a ordem tanto na capital como em todo o reino, não se admittindo por forma alguma que ella seja alterada a capricho das multidões ou a interesse dos que tem tudo a ganhar com as chamadas aguas turbas.

O partido republicano, que pretende ser um partido de ordem e de governo, como lhe imputassem as responsabilidades, dos successos de Lisboa, tratou logo de alijar essas responsabilidades, manifestando-se a favor da ordem e pedindo mesmo ao governo que a fizesse manter.

Reconhecem esse partido, pelo menos seu directorio, que era esse o melhor caminho a seguir perante a animadversão que se manifestou em todo o paiz e na propria capital contra o excesso das turbas.

Mas perguntaremos: Quem fomentou esses excessos? Não estava já desde ha muito lançada a semente de odios e rancores contra as instituições, contra a auctoridade e contra o proprio exercito?

Que fazia o partido republicano nos comicios, senão proclamar constantemente a negação de todos os principios de ordem, inoculando no espirito das turbas a ideia da revolta contra aquillo mesmo em que no futuro, dado o advento da republica, deveria estribar-se o seu governo?

E agora repudia os successos occorridos; nega os fructos da semente que soube lançar em bom terreno; alija as responsabilidades que lhe pertencem, escolhendo para isso os hombros de uma entidade mal definida: o arruaceiro!

Muito bem; mas no meio d'este alijamento de responsabilidades, compete ao governo fazer manter a ordem sem hesitações.

O paiz não quer viver em sobresaltos continuos; deseja socego e que volte a normalidade de que tanto necessita para entrar na actividade do seu trabalho.

Basta de convulsões e de desordens que só nos acarretam a malevolencia dos estranhos, as injurias mais deprimentes, a ponto de alguns jornaes compararem Portugal a Marrocos, declarando ser necessaria a intervenção das nações civilizadas para extirpar da Europa semelhante foco de barbaria.

E a isto chegamos por desgraça nossa!

Viagem d'El-Rei D. Manuel

O *Petit Journal* dá como certa a ida de Suas Magestades o rei D.

Manuel e rainha D. Amelia a Londres em outubro proximo, parecendo que esta visita se prende com o casamento de D. Manuel.

Tambem se diz que pela ocasião da visita o rei Eduardo distinguirá o rei de Portugal com a *Ordem da Jarreteira*.

Caso a visita se venha a realizar os nossos reis habitarão durante alguns dias o palacio Buckingham.

Procissão de Passos

No domingo ultimo teve lugar n'esta Villa a costumada procissão de Passos, que foi muito concorrida, não obstante a tarde ter-se apresentado com aspecto tempestuoso.

Prégou o sermão do Pretorio o M. Reverendo Lopes Rocha, que produziu uma oração digna de todo o elogio, e o do Encontro e Calvario o M. Reverendo Manuel Mendes Gaspar, que foi ouvido com respeitosa consideração.

Acompanharam a procissão as duas philarmônicas da Villa o que muito concorreu para o brillantismo da festa.

A todos os muzicos esta redacção manifesta o seu agrado pela maneira digna como se apresentaram, respeitando-se mutuamente.

Toda a festa correu sem o menor incidente desagradavel o que é sempre motivo para bem dizer-mos do procedimento do nosso povo que em todos os actos tem sabido mostrar que é ordeiro e respeitador.

Visita aos templos

As egrejas de S. João Baptista e de Nossa Senhora do Carmo d'esta Villa e ainda as Capellas do Senhor Jezus da Sobreira e Nossa Senhora dos Remedios foram muito visitadas na quinta e sexta feira.

Foi uma respeitosa romaria de pessoas cheias de Fé.

Fallecimento

Falleceu em Lisboa em resultado d'uma congestão cerebral que lhe produziu um ataque de loucura, o distincto professor do concelho de Ferreira do Zezere, e nosso desventurado amigo Sr. Joaquim Craveiro d'Almeida Reis.

A noticia causou a mais desolada consternação em toda a familia, que tinham pelo extinto verdadeira veneração pelas suas bondosissimas qualidades de caracter e coração.

A toda a Ex.^{ma} Familia enluctada apresentamos a nossa condolencia.

NOTICIARIO

Acha-se entre nós, vindo passar alguns dias na sua linda propriedade n'esta Villa, com suas Ex.^{mas} Esposa e Irmã o nosso querido amigo e brilhante Artista, o Ex.^{mo} Sr. Comendador José Malhóa.

Veio passar as ferias de Paschoa a casa de seus paes o nosso dedicado amigo Ex.^{mo} Sr. Dr. Jovenal Quarresma Paiva, quintanista de medicina.

Tambem se acham já n'esta Villa os briosos estudantes e nossos amigos Srs. Arthur Nunes Agria, Antonio da Costa Agria e Eduardo Caetano d'Oliveira.

Hospedados em casa do nosso amigo Sr. Abilio Simões d'Abreu estiveram esta semana o nosso presado amigo Reverendo Manuel Mendes Gaspar, parochio de Chão de Conce e sua Ex.^{ma} Mana.

Tambem tem estado n'esta Villa na sua bella propriedade da Cerca o nosso respeitavel amigo o Ex.^{mo} Sr. Dr. Antonio Augusto da Costa Simões Canova com sua Ex.^{ma} Familia.

Tivemos o gosto de cumprimentar na nossa redacção o nosso amigo Sr. Januario Dias Coelho, que ha dias chegou da Africa.

Muito agradecemos a visita do nosso amigo e fazemos sinceros votos para que continue a gosar da saude que aparenta.

O nosso amigo Sr. Manuel Rodrigues Perdigão, abastado proprietario e capitalista d'esta Villa, foi passar, com sua Ex.^{ma} Familia, as festas da Semana Santa a Coimbra.

Foi a Lisboa tratar de negocios de familia o nosso Ex.^{mo} Amigo Dr. Adelino d'Aranjo Lacerda.

Foi a Leiria apresentar os seus respeitos ao Ex.^{mo} Sr. Governador Civil o digno administrador d'este concelho Ex.^{mo} Sr. Augusto d'Aranjo Lacerda.

O nosso presado assignante e bom amigo Sr. Bernardino Luiz Coelho, do logar do Carapinhãl d'esta freguezia, deu um golpe em uma perna, que o obriga a aguardar o leito.

Fazemos votos para que o seu incommodo não tenha consequencias desagradaveis e que em breve se encontre restabelecido.

O SOL

II

As grandes manchas solares persistentes desaparecem na borda occidental do astro quatorze dias depois do seu apparecimento na borda oriental, succedendo por vezes que a mesma mancha, apoz o seu desaparecimento na borda occidental volta ainda á outra borda. D'este modo calculou-se que o sol devia girar sobre si mesmo em 25 dias, pouco mais ou menos, como dissemos já.

O sol não gira sobre si mesmo completamente, pois a rotação superficial é mais rapida no equador que nos polos.

Será tudo? Nada mais haverá? Não por certo. Mais uma vez diremos que não temos alguma outra noção da camada exterior do sol, que aquellas que se tem adquirido por occasião dos eclipses. Immediatamente á *chromosphaera* dilata-se uma immensa região, uma auréola brilhante, atmosfera rarificada através a qual a photographia revela longos pennachos, que se estendem a consideráveis distancias em redor do nucleo solar. Esta auréola é a *corôa* que se cre formata de um gaz extremamente leve, o *coronio*, gaz ainda desconhecido na terra, como aconteceu por muito tempo ao *helio*.

A corôa, durante os eclipses, apparece ligeiramente esverdeada e os pennachos, em posições variaveis, excedem muito em extensão ao diametro do nucleo solar.

Ha, pois, razão para dizer que não conhecemos do sol senão o seu disco, que está longe de constituir o proprio astro. Quem pôde saber o que se passa no seu nucleo interior? Quem poderá dizer o que é essa massa gigantesca de vapor submetida a pressões incalculaveis? E a temperatura?

A temperatura do sol ainda não está definida pelos astrónomos. Estes passaram-a de contenas de mil graus para 1.500 graus, temperatura evidentemente fraca. Ha annos fizeram-a oscilar entre 3.000 e 5.000 graus. Experiencias realisadas no Monte Branco elevaram-a a 6.000 graus, sendo esta a temperatura ge-

ralmente admittida actualmente, até nova ordem.

Tal é o sol, a nossa *estrella*, pois as estrellas que brilham no firmamento, são igualmente soes, quasi todas de dimensões mais formidaveis que o sol que nos aquece e alumia. As distancias que nos separam d'essas estrellas são enormes.

O astro que governa o nosso systema planetario, isto é o sol, não está fixo no espaço. Lançado no insondavel infinito, gravita arrastando o cortejo de astros submettidos á sua influencia e poder. Não só o sol gira sobre si em 25 dias, mas caminha vertiginosamente na direcção da constellação de Hercules. Sobre esta viagem continua através dos espaços não temos noção alguma.

O diametro do sol é 100 vezes maior que o da terra. O seu volume é pouco mais ou menos 1.300.000 vezes maior que o do nosso planeta.

Se o sol se apresenta á nossa vista sob o aspecto de um pequeno disco luminoso, é isso devido á enorme distancia que nos separa d'elle. Para ir da terra ao sol seria preciso uma ponte que tivesse por base uma serie de 11.693 terras, ao passo que não seriam necessarias mais que 30 para ir á lua. Esta seria invisivel para nós se estivesse á mesma distancia do sol. Um comboio marchando com uma velocidade de um kilometro por minuto, levaria 283 annos a chegar ao sol. Por consequencia, se fosse possível tentar tal viagem, o homem jamais chegaria ao seu destino, porque morreria antes.

A luz solar que nos aquece e illumina, é transmitida com uma velocidade de 300.000 kilometros por segundo. Ainda assim, para chegar á terra, necessita de 8 minutos e 17 segundos.

Todos estes pequenos pormenores que a maioria desconhece, bastam para se conhecer que tudo é formidavel n'esse enorme astro a que está submettida a terra por leis immutaveis, a que não pôde subtrahir-se.

Folhas soltas

Com uma tiragem de 25 mil exemplares, acaba se publicar o n.º 9,

phisionomia revelava a maior distincção.

O estrangeiro interrogou com os olhos o seu cicerone, que deixou deslizar pelos labios um sorriso entre irénico e bonacheirão, dizendo:

—Conheço-os; são heroes de um pequeno romance.

—E posso saber esse romance?

—Porque não?—respondeu o viennense.

E seguidamente contou:

—Elle é o conde Laur de Genz, fidalgo di Gallitzia, da mais nobre linhagem. Quanto a ella, antes de ser condessa de Genz, chamava-se simplesmente Bertha Lucca, filha, segundo dizem, de um alfaiate de Trieste.

Tres mezes antes de casar com o conde, tinha Bertha Lucca dezoito annos e acompanhava um prestidigitador, de origem allemã, chamado Lothario Herz, que se apresentava tambem como magnetizador, dando sessões publicas através de todas as provincias do imperio austro-hungaro, nos theatros, circos, cafés-certeros, cervejarias, por toda a parte emfim em que podia exhibir os seus talentos.

O papel de Bertha consistia em apparecer na scena ao lado do seu

d'esta obra de excellente propaganda popular.

O assumpto é momentozo, actualissimo: «Republica ou Monarchia?»

A leitura d'estas «Folhas» que são escriptas em linguagem amena, deve infallivelmente desilludir o povo, porque alli não ha que regeitar.

Pede-se ao sr. Benerenuto de Souza—Outeiro, Torres Novas.

Basta de Sangue!

E' a suggestiva epigraphie do artigo editorial em que o Principe dos jornaes luzitanos de 7 do corrente—exprobrando «em parte» o procedimento das auctoridades locais na repressão dos arruaceiros—diz a a certa altura:

«Sim, manifestações como as que se praticaram contra collegas nossos, desacatos como os de que foram victimas algumas entidades não devem ser tolerados, e não ha senão que louvar no procedimento das auctoridades que os reprimiram. Mas esta repressão que é um legitimo direito da policia civilizada não pôde ser o assassinio em massa.

«Não pôde ser!

«Basta de sangue!

«Repressões violentas ou actos sanguinarios, é preciso que se lhes ponha fim decizivo e immediato.»

—Que faria o esclarecido auctor do artigo em questão se no auge dos maiores desacatos aos seus collegas e outros que no fim da pagina acha «muito parecidos com a mais desenfreada anarchia», fosse feito Presidente de ministros ou Governador civil?

Não se nos dava apostar que era capaz de fazer o mesmo ou peor: ou então—sempre bom e compassivo—cruzaria os braços ante a multidão infrene com o firme proposito de se deixar assassinar.

Mas não, isso não. Lago...

Porque se não ha de antes dizer que em taes apertos—lá em certas alturas—uma tremenda escardoçada de «barras d'ouro em braza» sobre os insurrectos não seria talvez de mais para os civilizar, enriquecer e democratizar a todos?

Porque não convem. E não convem porque uma tal franqueza pude-

professor, passando-lhe os accessorios exigidos por qualquer sorte, em adormecer sob a fascinação do seu olhar, em dar emfim certa animação e attractivo ás sessões de simples escamoteação, em que Lothario Herz se apresentava com a irreprehensivel mas monotona casaca preta e gravata branca.

A severidade do traje do prestidigitador fazia um verdadeiro contraste com a *toilette* de Bertha, que a tal respeito tomava liberdades que em geral o publico muito apreciava.

Vestia uma saia muito curta como as dançarinas e, como estas tambem, trazia a malha côr de rosa, moldando perfeitamente as formas das pernas; corpete bem aberto que deixava entrever o volume e a alvura dos seios; braços nus, attrahindo d'este modo os binoculos, que estavam constantemente assastados sobre a formosa e incomparavel Bertha Lucca, como diziam os cartazes.

Com effeito, como o meu amigo acabou de vêr, Bertha é realmente bella, mas a sua formosura ainda mais realçava com as luzes di ribalta, sendo na verdade de uma sedução irresistivel e chamando assim ás sessões uma concorrência, a que o prestidigitador não era de modo al-

ria ás vezes prejudicar interesses que, infelizmente, na actualidade estão primeiro que a Verdade.

Coizas, coizas. Coizas que nem todos os arruaceiros intendem.

L. M.

Do estrangeiro

O correspondente da Belgica diz para o «Portugal»:

«O que tem a justiça feito para castigar os factores d'um crime tão ignobil—o do attentado—abundando as provas e sabendo da existencia d'uma vasta conspiração?»

«Responda a imprensa de todas as nações: Em Portugal abrem-se os cárceres aos conspiradores d'uma grande traição apanhados no meio d'armas e expluzivos; deixam-se impunes os cooperadores dos regicidas; permite-se que os jornaes republicanos gabem os factos monstruosos, elogiem os sclerados, glorifiquem os assassinos.»

Um jornal de Bruxellas diz com amarga ironia:

«Os criminosos, os assassinos, os sclerados de todo o género, se quiserem viver impunes, gozando d'uma encantadora liberdade, naturalizem-se portuguezes.»

Um outro intitulava o seu artigo de fundo com esta significativa epigraphie:

«Portugal terá razão de ser no quadro das nações da Europa?»

A resposta era tão humilhante como a pergunta:

«Depois dos factos d'um selvagismo tão repugnante, seguidos d'uma imponidade sem exemplo, Portugal não tem razão de ser.»

E finalmente—por hoje—um outro d'aquém Pyreneus, escreve:

«Em Lisboa ha policia para regular e proteger a apothese do crime! Portugal possui um exercito para ver desfilhar os milhares de pessoas que vão victoriar os cobardes assassinos do Rei seu generalissimo e do Principe capitão de lanceiros!! A ironia é pungente!»

Simplemente vergonhoso e humilhante isso que para abi fica!

—Diz-se na capital e corre como certo, que o homem que deu o primeiro tiro no Rei não está prezo nem foi morto pela policia.

L. M.

FOLIETIM

A CONDESSA BERTHA

Em Vienna, a bella capital da Austria, os passeios publicos, especialmente o Prater, são muito frequentados e concorridos.

O Prater é o ponto de reunião do mundo elegante, da melhor sociedade viennense, vendo-se perpassar alli as mais apparatusas carruagens pertencentes á côrte, á nobreza, aos opulentos de todas as classes.

Em companhia de um viennense, que estava ao facto de muita coisa da vida da capital, passeava um estrangeiro que seguia curiosamente o deslizar de tantas elegancias e bellezas, de que Vienna é prodiga.

—Oh!—exclamou de repente, designando uma victoria atrellada a uma magnifica parelha Bonito homem e bonita mulher!

Efectivamente, a mulher, no vigor da juventude, era loura, vaporosa, de uma belleza incomparavel. Quanto ao homem, poucos annos mais teria que a sua companheira; vestia com extrema elegancia e toda a sua

gum insensivel, pois essa concorrência traduzia-se em quantiasas receitas.

Não faltava quem fizesse a côrte á formosa Bertha, mas sem resultado, pois ella mostrava se inaccessible ás mais apaixonadas declarações, parecendo completamente insensivel ao amor. Pelo menos estava d'isso convencidos os seus numerosos admiradores.

Quando lhe faziam qualquer declaração Bertha ria, mostrando uns dentes que eram outra tentação, torcendo assim mais assidua a côrte que lhe faziam e portanto maior a receita do espectáculo.

Lothario Herz não ignorava que a sua fortuna estava dependente da joven companheira e era com verdadeiro ciume que a zelava; apesar d'ella se esquivar, por vezes até com rudeza, das perigosas assiduidades dos galanteadores.

Lothario e Berta apenas se demoravam quando muito uma semana em cada cidade, não dando mais que quatro ou cinco sessões todas ellas inteiramente fructuosas. D'este modo Lothario ganhava dinheiro e afastava os seus rivais.

(Continua).

Humorismos

—Que dizes dos «altruismos»
Da senhora Liberdade?
—Que começa a Igualdade,
A surricar «humanismos»
Pandos de Fraternidade.

—Mas não te parece infame
Aquella raza anarchia?
—A culpa é de quem-n'os guia
Por «certos fios d'arame»
Que não trabalham de dia.

—Mas diz-se que eram rapazes
Sem partido... nem saber?
—Seriam. Mas basta ver
Que nunca foram capazes
De aos «taes fios» offender.

—Pode ser, mas eu duvido
Que alli houvesse excepções.
—Bem. Mas contra as Redacções
Do «mais que livre» partido
Ninguem teve imprecações.

—Então pode ser que sim,
Mas que rude selvagismo!
—Aquillo era o anarchismo
Ou a torpidade affim
Do mais solto vandalismo!

—Mas isto é uma deshonra
Para a patria de Camões!
—Patrias são patrias, Razões;
O que se quer não é honra,
São tostões e mais tostões!

—E pode alguém arranjar os
A abalar uma cidade?
—Não é justo na verdade;
Mas durante estes abalos
Bota-se a mão á vontade.

—E o Commercio que faria
Ao ver tal «sarrafuscada»?
—Surria da «pangalhada»,
Porque emfim nada temia
De «trupe» tão «illustrada».

—E não pensará no «saque»
Que o banditismo annuncia?
—Não, porque a Demagogia
Apenas lhe exige um «fraque»
E de ouro «grossa quantia».

Barão d'Alcântaras.

Palavras anacyclicas

—Aos curiosos—

- Satira—Aritas, d'ara.
- Sarrapa—Apartas.
- Savel—Levas.
- Sazu—Uzas.
- Seara—Araes.
- Sedes—Sedes.
- Seda—Ades.
- Selim—Miles, pl. de mil.
- Selles—Selles.
- Será—Ares.
- Seramil—Limares.
- Sereres—Sereres.
- Seres—Seres.
- Serpa—Apres.
- Serra—Arres.

LOTERIA

DA
SANTA CASA DA MISERICORDIA
DE
LISBOA

100:000\$000 REIS

Extracção a 11 de junho de 1908

Bilhetes a... 40\$000 reis
Vigesimos a... 2\$000 reis

A thesouraria da Santa Casa in-
cumbem-se de remetter qualquer en-
commenda de bilhetes ou vigesimos,
logo que seja recebida sua impor-
tancia e mais 75 reis para o seguro
do correio.

Os pedidos devem ser dirigidos ao
thesoureiro, á ordem de quem de-
vem vir os vales, ordens de paga-
mento ou outros valores de prompta
cobrança.

A quem comprar 10 os mais bi-
lhetes inteiros desconta-se 3 p. c. de
commissão.

Remettem-se listas a todos os
compradores.

Lisboa, 31 de março de 1908.

O thesoureiro

L. A. de Avellar Telles.

SECÇÃO RECREATIVA

Phrazeadas

Ao sr. L. Malheiros

- 1—Temos izolado o offendido--2.1.
- 2—Na muzica o habito é mulher—
1,2.
- 3—O homem na pega é feiticeira--
1.1.
- 4—No meio da roa e na escripta é
proveitozo--1.1.
- 5—O homem da gallinha é empre-
gado--1,2.
- 6—Anda o chefe e o animal que é
arvore--1.1.1.
- 7—O instrumento nota instrumenta
—2,1.

A. Coelho Agria.

? ? ?

8—Qual é o nome de prizão que ti-
rando-se-lhe uma lettra o fica
sendo de escola?

9—E qual o objecto cujo nome se
escreve com cinco lettras e que,
começando por P e terminando
por A, serve para tapar buracos?

L. Malheiros.

10- A A A A O O O O
V E A R D E O S
V E A R D E O S
S S S S R R R R

Decifrações do n.º anterior

- 1--Padecente; 2--Cotovia; 3--He-
liosopia; 4--Cerita; 5--Ajaja; 6--
Pacoro; 7--Mateologia; 8--Prócer;
9--Sósó; 10--Heliogaballo; 11--Ve-
ranico; 12--Verdelhão; 13--Sabino;
14--Louvadamente; 15--Procrasti-
nação; 16--

É L A S A R A S
L E D A R I B A
A D E L A B I R
S A L É S A R A

—O sr. Malheiros decifrou os nu-
meros 1 a 6, 8 e 15. D. Laura Mo-
ret 7, 8, 10 a 13 e 15. E D. Maria
Naya 2 a 4, 10 a 12 e meio 15.

—«Rhó» é cidade?—Não, diz
D. Laura Moret, e nós o cremos
tambem. Agradecemos a sua res-
posta.

Com vista ao nosso amigo sr.
Airga.

Phenómeno

O «Figaró» de Pariz conta o ex-
traordinario cazo d'um cão que fallal
O phenómeno exhibe-se ha dias
no Cazino de Pariz aonde faz a ad-
miração e o espanto dos parizienses
que todas as noites enchem aquella
caza de espectaculos.

Diz a interessante local do «Figa-
ro»:

«O cão é pequeno, felpudo, de
orelhas cahidas, olhos vivos e intel-
ligente.

«Ao apresentar-se no tablado
cumprimenta e «prouuncia» nitida-

mente, distinctamente, a palavra
«Bonjour».

«E' um espanto em todas as ca-
ras. Ouvem-se comentarios:—«Não
póde ser!—E' assombrozo!—Nun-
ca vi uma coiza assim!»

«E' o certo é que os applauzos se
não demoram. Pozitivamente o «cão
falla». Não é já só o «bonjour», são
mais palavras, phrazes em francez,
em italiano, em inglez, sabemos lá
em quantas línguas!

«E' um prodigio nunca até hoje
admirado em parte alguma do mun-
do. Que trabalho insano deve ter ti-
do o «preceptor»—dresseur», di-
zem elles—do famoso animal para
lhe educar as cordas vocaes!»

D'«O Seculo».

—Falará o cão effectivamente,
não será esta como algumas de pro-
cedencia americana?

Se falla, é assombrozo, prodigio-
zo, maravilhozo, espalhafatozo!

Mas nós aqui somos Thomé. Só
pegando-lhe, tel-o na mão, brincar
com elle, e que o pequeno felpudo
então fallasse. D'outra fórma não
vae, não póde ir nada, tão grossa se
nos affigura!

L. M.

ANNUNCIOS

**ADVOGADO
Marcolino da Silva**

Escritorio ao lado do deposito do
Tabaco, propriedade do Sr. José Ma-
nuel Godinho, aonde póde ser pro-
curado todos os dias das 9 horas da
manhã ás 3 da tarde.

Editos de 60 dias

(2.º ANNUNCIO)

Pelo Juizo de Direito da Comarca
de Figueiró dos Vinhos, e cartorio
do escrivão do 2.º officio, correm
editos de sessenta dias, citando o
refractorio Francisco Antonio, filho
de José Antonio e Maria da Piedade,
natural da Sapateira, freguezia da
Castanheira, a fim de no praso de
dez dias pagar a quantia de reis
300\$000, importancia de multa que
lhe foi imposta, ou nomear bens
sufficientes á penhora, sob pena de
se devolver o direito de nomeação á
Fazenda Nacional exequente.

Figueiró dos Vinhos, 24 de feve-
reiro de 1908.

Verifiquei:

O Juiz de Direito
João Ribeiro.

O Escrivão
Joaquim Antunes Ayres Buraca.

Editos de 10 dias

(2.º ANNUNCIO)

Pelo Juizo de Direito da Comarca
de Figueiró dos Vinhos, e cartorio
do escrivão do 2.º officio, correm
editos de dez dias, citando todos os
interessados que se julguem com di-
reito aos terrenos expropriados a
João Francisco Diniz, Manuel Men-
des, e Manuel Rodrigues Carreira,
todos da Castanheira de Pera, para
a construcção da estrada do Espi-
nhal á Castanheira de Pera por
Campello, sexto lanço da Portella
da Povia á Castanheira de Pera, a

fim de o virem allegar no referido
praso, sob pena de serem os mes-
mos terrenos julgados livres e des-
embaraçados e adjudicados ao Es-
tado.

Figueiró dos Vinhos, 24 de feve-
reiro de 1908.

Verifiquei:

O Juiz de Direito
João Ribeiro.

O Escrivão
Joaquim Antunes Ayres Buraca.

ANNUNCIO

(2.º PUBLICAÇÃO)

Faço saber que no Juizo de Di-
reito re Figueiró aos Vinhos e nos
autos de execução por costas que
Joaquina Agueda, do Carregal Fun-
deiro, move contra seu marido Fran-
cisco Alves da Rosa, do mesmo lo-
gar, correm editos de dez dias, a
contar da ultima publicação no Dia-
rio do Governo, citando quaesquer
credores incertos que queiram de-
duzir preferencias sobre o dinheiro
penhorado, e depositado no Monte-
pio Geral de Lisboa sob n.º 90.780,
pertencente ao executado, e que a
exequente pretende receber.

Figueiró dos Vinhos, 3 de abril
de 1908 e oito.

O escrivão do 1.º officio
Joaquim F. de Campos Jardim.

Verifiquei:

O Juiz de Direito
João Ribeiro.

FABRICA DE SABÃO

EM

PEDROGAM GRANDE

Acaba de ser montada e tem
já á venda por grosso, todas as
marcas de sabão uzadas até
hoje.

Qualidades garantidas a pre-
ços resumidos.

Os proprietarios

José Henriques da Silveira & Silva.

PÃO DE LÓ

DA FABRICA DE

SANTO ANTONIO DOS MILG REIS

EE

FIGUEIRÓ DOS VINHOS

E' uma especialidade que
não tem competidor no nosso
paiz.

**Pedidos directa-
mente á fabrica.**

BARRAÇÃO

Aluga-se um muito proprio para
palheiro e deposito de madeiras sito
na roa da Cadeia d'esta Villa.

Quem pretender dirija-se a esta
redacção.

ESCRITORIO FORENSE

Rua do Ouro, 170, 2.º

Telephone 2:183. Telegr.º

«Leque»—LISBOA

LEITÃO & ALBUQUERQUE

N'este escriptorio, com a maxima seriedade e brevidade e sob a gerencia do socio Arnaldo d'Albuquerque, solicitador encartado n'esta comarca, se toma conta e dirige qualquer assumpto forense ou commerciar por preços relativamente modicos.

Pleitos judiciaes, taes como, habilitações, inventarios, separações, liquidações d'espolios, despejos, etc., e quaesquer demandas em geral.

Recursos, em todos os tribunaes superiores.

Pendências, em todos os ministerios, repartições, despachos ecclesiasticos, legalisação de procurações, certidões e quaesquer documentos estrangeiros e suas traducções ou quaesquer outras.

Recebimentos, de dividas, rendas, fóros, pensões, juros d'inscrições, acções, obrigações, etc., e averbamentos d'estas.

Annuncios para o «Diario do Governo» e todos os jornaes da capital e provincias, reclames, etc.

Encomendas de toda a especie, suas remessas para a provincia, ilhas e colonias.

Assigaturas de quaesquer obras litterarias scientificas e de recreio, tanto nacionaes como estrangeiras.

Administrações de casas particulares.

Representações de casas commerciaes e industriaes nacionaes e estrangeiras.

Sobre a seriedade e competencia d'este escriptorio dão referencia as seguintes casas commerciaes d'esta praça:

Eduardo Martins & C.º—R. Nova do Almada, 111 a 213.

Faiva Irmãos—Praça do Municipio, 13, 2.º

Francisco Antunes de Mendonça Sobrinho (Herd.º)—R. da Magdalena, 11.

Irmãos David (Retozaria)—R. Garrett, 112 a 118.

Joaquim Nunes Coelho—R. de S. Paulo, 183.

Joaquim Pires Mendes—R. dos Bacalhoeiros, 28.

Jerônimo Martins e Filho—R. Garrett, 13 a 19.

Afonso de Barros & C.º—R. Augusta, 72 a 79.

HOTEL VIZIENSE

PROPRIETARIO

ANTONIO DO CARMO CAIADO

Rua dos Douradores, 7—1.º

LISBOA

Este hotel, um dos melhor situados, já bem conhecido do publico, recommenda-se sobremaneira, pelos modicos preços, que são 800 reis por dia, bom tratamento e esmerado asseio com que trata os seus hospedes.

Tambem recebe hospedes só para pernoitar, por 200 reis.

Pede pois ás pessoas que desejem honral-o procurando o seu hotel, a fineza de avisal-o da sua chegada a Lisboa.

No estabelecimento do sr. Francisco Rodrigues Ferreira, d'esta villa, prestam-se quaesquer informações.

PROVINCIA DA EXTREMADURA

LEIRIA, SANTAREM E LISBOA

Mapa chorographico d'esta provincia cuidadosamente elaborado pelo capitão do exercito hespanhol D. Benito Chias y Carbó

E' uma obra perfeita e de absoluta necessidade para os que desejem conhecer esta provincia com seus districtos, os quaes são impressos em lindas côres, com as suas vias de communicação, os seus rios, as suas montanhas, as suas povoações, tudo isto perfeitamente disposto e impresso a nove côres, permitindo encontrar-se com facilidade o qunto que se procura.

Este mappa é feito segundo o systema da Commissão de Serviços Geodesicos Portugueza.

E' portatil, dobrando-se e reduzindo-se á oitava parte do seu tamanho, para o que é reforçado com uma

bella tela de linho, cujo involuero em fórma de livro, o torna ao mesmo tempo uma elegante e primorosa edição.

Preço 400 réis. Pelo correio 420 réis.

A colleção das provincias do continente, ilhas dos Açores, colonias africanas e India, que se compoe de 18 livrinhos, custa 4\$800 réis. Pelo correio 5\$000 réis. Mappa de cada provincia 400 réis. Pelo correio 420 réis.

Do mesmo systema ha tambem o mappa geral que abrange Portugal e Hespanha por 1\$200 réis. Pelo correio 1\$230 réis. E ainda o mesmo mappa em folha inteira e sem tela, proprio para salas, escriptorios e escolas primarias por 300 réis. Pelo correio 630 réis.

Todos os pedidos, sempre acompanhados da respectiva importancia, devem ser feitos a Eugenio Moreira —ARGANIL.

HOTEL COMMERCIAL

—PROPRIETARIO—

JOAO LUIZ JUNIOR

Rua da Agua

(proximo á estação de diligencias da Companhia de Thomar)

FIGUEIRÓ DOS VINHOS

Acaba de se inaugurar este hotel, situado n'um dos melhores pontos da Villa, em edificio moderno, construido expressamente para esse fim. Tem bons quartos, magnificamente mobilados, escrupulizando-se no acio.

PREÇOS MODICOS

Atenção!—Na mesma casa se fornecem avulso quaesquer refeições, e petiscos, avisando-se previamente o seu proprietario.

Os dignos viajantes do commercio encontrarão aqui optimo tratamento e em condições excepcionaes para esta terra.

CAZA DO BARATEIRO

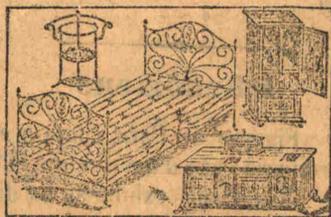
Esta caza commercial, situada por baixo do **Hotel Commercial**, tem sempre um completo e variado sortimento de chitas, fazendas, chapelaria e artigos de merceria, tudo por preços convidativos.

Na **CASA DO BARATEIRO**, — João Luiz Junior, o publico encontrará um variado sortido, em boas condições.

Eia pois! Ide á loja do **Barateiro**, se quereis ser bem servidos e por pouco dinheiro.

NA LOJA
DOS**QUATRO GLOBOS**

FIGUEIRÓ DOS VINHOS



N'ESTE ESTABELECIMENTO encontram-se á venda **camas de ferro a 2\$000**, ditas do mesmo metal (em diferentes feitios), ditas de madeira (á franceza).—Mezas de cabeceira (com pedra e sem ella).—Colchoaria completa.—Lavatorios (com todos os seus pertences).—Cabides de madeira.—Fogões e cofres de ferro em todos os tamanhos).—Simentos e gessos (nacionaes e estrangeiros), para estuques.—Grande sortido em armures (pretos e de côres).—Lenços de seda e de lã.—Relogios de meza (affiançados por um anno).—Completo sortido em drogas, tintas, oleos e vernizes.—Malas para roupa e para viagem.

Tudo por preços sem competidor, garantindo-se a boa qualidade de todos os artigos, peso e medida.

Benjamin A. Mendes

NOTA.—Qualquer artigo que tenha acabado, manda se vir em acto continuo.

DEPOSITO DE TABACOS

E

PHOSPHOROS

Agencia de vendas para a circumscripção que comprehende os concelhos de Figueiró dos Vinhos, Pedrogam Grande, Alvaizere e Ancião.

Venda de todas as marcas de tabaco picado, cigarros e charutos da tabella da Companhia.

Charutos estrangeiros das acreditadas marcas «La Casa», «Mignon», «Melitas», «La Mar» e outras para 50, 60, 80 e 100 réis.

Descontos aos possuidores de licença de venda.

Correspondente de diversas casas bancarias.

Cobrança de letras sobre todas as terras do paiz e pagam-se saques do Brazil e Africa, cheques sobre Londres e outras praças no estrangeiro.

Seguros contra fogo.

Agencia da Companhia de Seguros «Tagus».

José Manuel Golinho.